

2 ENCONTRO

Estado do Rio de Janeiro, domingo, 19 e segunda-feira, 20 de fevereiro de 1984

VIOLENTAS EMOÇÕES NO DISCO DE FERNANDO PELLON

Roberto Bozzetti

CADÁVER PEGA FOGO DURANTE O VELÓRIO, LP de estréia de Fernando Pellon, coloca o ouvinte diante de uma sadia proposta de radicalismo. Radicalismo sobretudo estético, que faz com que o compositor assuma posição única na cena da música popular feita hoje no Brasil.

Um aforismo de Torquato Neto que ficou célebre apresentando em 1967 o primeiro LP de Gil: "Há várias maneiras de se fazer música brasileira. Gilberto Gil prefere todas". Não é que Pellon despreze a lição tropicalista, antes pelo contrário, mas prefere uma única maneira. E sua forma de defesa e ataque contra qualquer coisa padronizada da linguagem e das "ousadias" de tantas estrelas de falso brilho. Daí ele dizer logo de cara nos versos que abrem o disco: "Quando eu soube que estava canceroso/sergüi louvores ao Criador".

Então, hipócrita ouvinte, amigo meu, meu igual, meu irmão, começa a minha a tua a nossa viagem por este disco monstruosamente belo onde, por exemplo, um personagem suposta sem chorar as surras da mulher para "ao mundo poder mostrarlas marcas deste amor/com altivez" (música *Altivez*); outro (ou o mesmo) toma uma dose de veneno e sai pela cidade blasfemando em seus instantes finais de vida (*Com*

CADÁVER PEGA FOGO DURANTE O VELÓRIO

MUSICAS DE

CANTADAS POR



FERNANDO PELLON



PAULINHO LÊMOS,



SYNVAL SILVA,



NADINHO DA ILHA



E CRISTINA.

Ciúmes, tiros e tragédia

ESTOU LHE MOSTRANDO A PORTA DA RUA PARA QUE VOCÊ SAIA SEM EU LHE BATER

Seviçada em público

FUI TÃO BOM PRA ELA, DEI MEU NOME A ELA, QUASE PASSEI FOME PARA HONRAR SEU NOME

Artificialmente limpa pelo processo Olivetti de tecladismo estéril, a MPB ultimamente não tem correspondido a violência do país que a produz. Pelo menos a MPB leira (i. emanada da burocracia do show-biz e do oficialismo político do bom humor a preço de bicha. Fernando Pellon vai chocar essa hipocrisia generalizada vendida com rótulo de bom gosto e status.

*Todas as Letras*; em plena crise lupicínica de dor de cotovelo o amante usa como metáfora do amor a lepra e sintetiza num cacófato significativo: "Nunca gostei de eufemismo" (*Vã Esperança*); em *Porta Afora* o cara se vale do fato de saber-se canceroso para chantagear e retomar simbolicamente seu lugar no lar desfeito.

*Porta Afora* é aliás a música-chave do disco: é nela que Pellon resume da forma mais exemplar sua peculiar visão do mundo onde o

Noivo desmaia de fome e assiste sentado

às cenas do casamento

JOGUEI MEU CIGARRO NO CHÃO E PISEI. SEM MAIS NENHUM, AQUELE MESMO APANHEI E FUMEI.

cantando ele. É da nome as doerças, como fazia Augusto dos Anjos, com um requinte de morbidez que ainda perde, no entanto, para a crueldade exibida diariamente por nossas autoridades mais altas.

Quem quiser se assuste com Pellon, que também recria tradições estabelecidas por arautos das campas (ao divergentes quanto Nelson Cavalcanti e Vicente Celestino. Para isso, basta ouvir "Flores de

te Aldir Blanc também poderia ter assinado algo tão flagrantemente como "Carne no Jantar". E por aí afora, so para que não se pense que Fernando Pellon e um estranho no ninho, ou alienista fugaz. Melhor que situar tão precocemente sua obra e ouvi-la, com ouvidos desarmados de preconceito. O poeta vale a pena, o violão, os convidados e os arranjos de João de Aquino e Paulinho Lemos. *choque do "mau gosto" ocupa lugar privilegiado; tremei feministas semi-alfabetizadas que não entendem a ironia de Chico Buarque em Mulheres de Atenas: tremei diante de um verso como "um lar sem verão não vigora". Claro está que não se pode perder de vista a visão humorística do autor. Humor este que começa no uso obsessivo dos mais gritantes lugares-comuns resultando às vezes autênticas kolagens de clichês, denunciando uma criação que paradoxalmente se*

alimenta do poder (tal como o agradecimento ao Criador pelo câncer nos versos citados acima).

A viagem é vertiginosa e vai de Nelson Cavaquinho ao Monty Python de "O Sentido da Vida", passando por Vicente Celestino, Lupicínio, Noel, Monsueto, Ernesto Nazareth, Vanzolini, Adoniran, Augusto dos Anjos, Carlos Alberto (o Rei dos Boleros), Torquato Neto e last but not least, Jards Makalé. Guiando a locomotiva ainda o torpe Charles Baudelaire parando em todas as estações do inferno.

Maldito? Não apenas. O disco ficou 9 meses preso na Censura (das nove músicas foram cinco de cara vetadas – o último veto a cair foi o de *Com Todas as Letras*, sem trocadilho) e pode ser que estejamos agora diante de um acaso impressionante a se considerar na discussão (falsa, vá lá) do comercial/não-comercial em MPB. Porque é impossível mesmo o mais desatento ouvinte não se deixar cativar por músicas tão diretas como *Cone no Jantar*, *Cicatrices* ou *Flores de Plástico*.

Como se não bastasse, temos ainda cantando as eloqüentes vozes de, Synval Silva (o genial compositor de *Adeus Batucada* e outros clássicos), Nadinho da Ilha, Cristina Buarque e Paulinho Lemos (excelente nome da nova geração de compostores), além de João de Aquino nos arranjos.